

PALAVRAS DO BRASIL – VOCABULÁRIO E EXPERIÊNCIA HISTÓRICA NO IMPÉRIO DO BRASIL

Alunas: Alessandra Gonzalez de Carvalho Seixlack e Maria Luiza Ghizi Assad
Orientador: Ilmar Rohloff de Mattos

Introdução

No projeto de pesquisa “Palavras do Brasil” tratamos do que seria o conceito de Brasileiro em dois momentos: o início e meados do século XIX. Neste último semestre nosso enfoque foi dirigido sobretudo a questões que concernem ao primeiro momento, relativo à independência, não dispensando porém as discussões dos literatos românticos acerca da criação de uma literatura nacional, que exaltaria a originalidade, a individualidade e a singularidade do Povo brasileiro.

Objetivos

Partindo do pano de boca pintado por Jean Baptiste Debret, referente à coroação de D. Pedro I como Imperador, e de seu texto que explica esse quadro, ambos presentes no livro “*Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*”, temos uma representação imagética do que seria o projeto político de José Bonifácio para o corpo político soberano recém-estabelecido. A questão da fidelidade à independência exposta no pano de boca e a memória [estudos] de José Bonifácio quanto à necessidade de civilização dos índios bravos e à emancipação dos escravos nos permitem desenvolver o conceito de Brasileiro neste primeiro momento. Brasileiro seria aqui todo o indivíduo que seguia a causa da independência e soberania do Brasil; como afirma José Bonifácio em um discurso na Assembléia Constituinte em 1823, “*brasileiro é para mim todo o homem que segue a nossa causa, todo o que jurou a nossa independência*”.

Com base no estudo da História dos Conceitos como proposta por Reinhart Koselleck, vemos “brasileiro” como um conceito agregador, que une e ordena os indivíduos em torno de uma experiência comum – a causa política da independência. Trabalhando com a noção de conceito como fator e indicador, podemos dizer que o conceito de Brasileiro indica transformações políticas e sociais [ou projetos das mesmas], que apontam para o que seria a constituição de uma Nação; vemos assim a articulação deste conceito ao que Koselleck trataria como horizonte de expectativas – uma existência de realização futura comum aos indivíduos. Baseadas também nas formulações da História dos Conceitos, notamos a presença de alguns conceitos correlatos ao de Brasileiro, que ajudam a melhor defini-lo, como os conceitos de Nação e de Povo, ou ainda a noção de “cidadão” se contrapondo à de súdito, que definem o novo corpo político como uma Monarquia Constitucional.

A partir dessa correlação, veremos como Ernest Renan, filósofo francês do século XIX, concebe a Nação como uma essência espontânea e natural, possuidora em si mesma de um princípio moral. Entretanto, em nossa pesquisa nos utilizaremos

largamente da noção de “comunidade imaginada” tal como formulada por Benedict Anderson, um antropólogo do século XX. Para Anderson, a nação seria uma comunidade política imaginada e a possibilidade de imaginá-la teria surgido historicamente, a partir da decadência das comunidades religiosas e dos reinos dinásticos, do surgimento de uma concepção de simultaneidade temporal e da disseminação do capitalismo editorial. Esses dois últimos elementos são vistos por Anderson como as mudanças fundamentais nos modos de apreender o mundo, que tornaram possível o “pensar” a nação – criou-se uma comunidade imaginada, a partir da capacidade dos indivíduos de imaginar a sua vinculação com o “outro” e de perceber a existência desse “outro” enraizado na vida cotidiana, embora não conhecessem a sua identidade.

Retornamos assim ao projeto político de José Bonifácio para a formação da Nação brasileira, pois a mesma deveria se pensar homogênea para se apresentar como tal. Na imaginação do que seria esta Nação brasileira, trabalharemos com o “negar” e com o “afirmar” do que delinearía a sua identidade, papel desempenhado pelos literatos românticos, na sua discussão quanto à existência ou não de uma literatura e de uma língua nacionais, bem como por outros que pensavam o papel da História do Brasil. Dentre aqueles, destacamos no momento Gonçalves de Magalhães, Ferdinand Denis, Santiago Nunes Ribeiro [e José de Alencar, abordado anteriormente]; dentre os que tratam de uma história pátria, destacamos Von Martius e Francisco Adolfo de Varnhagen. Aqui pensamos na hipótese de Brasileiro mais como uma imagem do que propriamente um conceito – imagem que serviria para superar aquela ambigüidade própria do Império do Brasil, relacionada à existência de súditos e/ou cidadão e à coexistência de outras “nações”.

Metodologia

Para o desenvolvimento de tal trabalho, foi fundamental a leitura de diversos textos teóricos e de fontes primárias, dentre os quais vale destacar: *Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil* e *Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a escravatura*, de José Bonifácio; *Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos* e *História dos Conceitos e História Social*, de Reinhart Koselleck. Realizada a leitura dos textos teóricos, dirigimo-nos às fontes primárias, com o objetivo de nelas identificar a significação do conceito de Brasileiro, a partir de três elementos: a) quem escreve; b) quando escreve; c) em que circunstâncias escreve e com quais intenções.

Conclusão

Podemos concluir que os pensamentos de José Bonifácio e a obra de Debret nos mostram a noção de Brasileiro como algo a ser construído, ainda que já existisse um projeto político para o recém-estabelecido corpo político. A necessidade de estabelecer quem faria parte dessa Nação e quem a definiria por exclusão [o “outro”], tanto no momento representado pelo pano de boca, como no das discussões dos literatos românticos, demonstra a dificuldade de se conceber essa Nação [ao menos a princípio] como algo homogêneo.